

Lembrando a greve:

Relatos produzidos como parte do acervo do Memorial da Escola Técnica Estadual
Irmão Pedro

Por Fernanda Camargo Sperotto¹, Arthur Maia Baby Gomes²

Este trabalho procura estabelecer que tipo de posições e experiências sobre a greve vivida em 2017 foram expressas ao final de uma aula sobre este tema pelos alunos do segundo ano do ensino médio da Escola Técnica Estadual Irmão Pedro. A atividade, pensada com um uso do memorial da escola, foi proporcionada pelo subprojeto História do PIBID UFRGS e pela disciplina de Estágio em Educação Patrimonial.

Introdução

Este trabalho nasce de uma experiência de aula na Escola Técnica Estadual Irmão Pedro, onde atuamos, durante o ano de 2017, como integrantes do PIBID³. A atividade foi desenvolvida em conjunto com o Estágio em Educação Patrimonial⁴, no qual contamos com a colaboração do colega Sandro Marques dos Santos. Nesta atividade, buscamos utilizar o espaço do memorial da escola, sobre o qual trataremos a seguir, como espaço de produção de conhecimento histórico crítico e analítico.

Aqui, iremos nos propor a analisar a produção escrita resultante da aplicação destas aulas, que tinham como tema as greves de 1987 e 2017, de maneira comparativa e com a pergunta constante de o que constitui uma fonte quando vamos pensar este tema, seja no sentido jornalístico, político ou histórico. Como os alunos se posicionarem enquanto produtores de fontes? Enquanto participantes do complexo sistema que compõe a situação de greve? É isso que iremos abordar.

Objetivos

O presente trabalho faz reflexões sobre os usos e não usos do memorial da Escola Técnica Irmão Pedro, e traz alguns exemplos de retorno dos alunos em relação ao

¹ Estudante de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

² Estudante de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

pertencimento à escola, a cultura escolar e à situação da greve ocorrida no ano de 2017, tema central de nossa proposta pedagógica.

1. Breve histórico do Memorial da Escola Técnica Estadual Irmão Pedro

A existência do memorial da E.T.E. Irmão Pedro é fruto do trabalho da equipe do PIBID UFRGS - subprojeto História no ano de 2012. Sob supervisão da professora Raquel Balczarek Grendene, foram reunidos equipamentos antigos, memórias de alunos, recortes de jornais onde a escola aparece em destaque, peças de uniformes, entre outros materiais. A escola, fundada em 1962 oferece cursos técnicos e ensino médio, tendo, principalmente por conta dos primeiros, razoável captação de recursos e localizando-se em uma área central de Porto Alegre.

A professora Raquel relatou que a pesquisa das fontes e informações que compõe o memorial foi feita pelos bolsistas do PIBID em 2012, e a criação dos painéis ficou a cargo dos alunos do curso técnico de publicidade da escola. Houve um grande empenho na construção do espaço, entretanto ele não vem sendo usado conforme a expectativa inicial. Por ser uma sala pequena e sem a infraestrutura adequada para receber turmas de mais de dez alunos, acaba sendo um local pouco frequentado, o que inviabiliza a fixação de itens nas paredes, por exemplo, por ser um local húmido. Fomos até a secretaria e à biblioteca em busca de um possível acervo, além do material exposto, para vermos as possibilidades de temas para trabalhar com as turmas, mas nos foi informado que não existem documentos guardados além dos registros oficiais dos alunos da escola. Portanto, percebemos que os objetos e documentos expostos dependeu em grande parte da pesquisa feita pelos bolsistas do PIBID e de doações, principalmente de material fotográfico, feitas por funcionários e funcionárias, e também de ex-alunos. Neste contexto, uma grande quantidade de ex-alunos e professores da escola participou, trazendo memórias e acervos pessoais. A professora Raquel também relatou que após a inauguração do memorial e de algumas atividades realizadas pelos bolsistas do PIBID na época, ela sofreu um acidente e ficou afastada da escola por dois anos, período em que o espaço ficou fechado, sendo realizados apenas alguns estágios, mas sem cumprir amplamente o objetivo proposto desde o início: de demonstrar aos

³ PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, regulado e fomentado pela CAPES.

⁴ Disciplina obrigatória do currículo de Licenciatura em História (disciplina de código EDU02x12) na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), ministrada pela professora Carmem Zeli de Vargas Gil.

alunos aspectos da história da instituição e fazer com que se sintam parte dessa história.

Alguns objetos expostos, como mesas, máquinas de datilografia, central telefônica, troféus, painéis com fotografias e textos sobre a história da escola, chapéu da banda marcial, computador dos anos 90, etc., fazem parte da expografia do memorial. Esses elementos materiais nos informam sobre as características funcionais e simbólicas que fundamentaram as práticas sociais no passado (ESCOLANO, 2017, p.3), e também sobre os processos de ensino e aprendizagem. A maioria dos objetos do memorial está relacionado ao curso de secretariado oferecido pela instituição, que também oferece os cursos de contabilidade e publicidade. Isso indica que o memorial está bastante voltado, em sua parte expográfica, ao ensino técnico ministrado na escola - função essa que, segundo a história contada nos painéis, foi o que motivou a criação da instituição.

2. O memorial enquanto promotor da cultura escolar

Reconhecer enquanto legítima uma ação educativa no âmbito patrimonial, no memorial da escola, é reconhecer que há o que aprender a partir da memória preservada neste espaço.

A ideia de pensar o patrimônio enquanto algo que possui valor em si só, que merece ser preservado e divulgado apenas para promover conhecimento sobre o passado, enquanto um grande feito, ou de maneira estritamente institucional é de pouca relevância nas nossas pretensões com esta ação educativa. Compreendemos a educação patrimonial enquanto algo que proporciona reflexões sobre as diferentes valorações atribuídas à memória. Como explica Bárbara da Silva:

“Júnia Pereira e Ricardo Oriá (2012) caracterizam os últimos anos como o momento de pluralização em relação a assuntos referentes ao patrimônio, tanto nas terminologias sobre a relação entre educação e patrimônio, quanto à diversificação de lugares e suportes para a memória no processo educativo (museus, monumentos históricos, arquivos, bibliotecas, sítios históricos, vestígios arqueológicos, festas, ofícios, saberes e fazeres, etc.). O reconhecimento de patrimônios não consagrados (que não estão protegidos por legislações e não estão reconhecidos pelo IPHAN) contribui para o trabalho educacional de sensibilização e consciência da importância de preservação de patrimônios culturais presentes na comunidade dos discentes, reforçando laços identitários e a memória presente nesses espaços de vivências.”(SILVA, 2013)

É com esta concepção que pretendo dialogar, pensando o memorial enquanto um espaço que pode proporcionar reflexões, não apenas institucionais, mas também sobre diversas práticas que fazem parte da cultura escolar. Sobre este termo, explica Julia (2001):

“Para ser breve, poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores. Mas, para além dos limites da escola, pode-se buscar identificar em um sentido mais amplo, modos de pensar e de agir largamente difundidos no interior de nossas sociedades, modos que não concebem a aquisição de conhecimentos e de habilidades senão por intermédio de processos formais de escolarização: aqui se encontra a escalada dos dispositivos propostos pela *school society* que seria preciso analisar; nova religião com seus mitos e ritos contra a qual Ivan Illich se levantou, com vigor, há mais de vinte anos. Enfim, por cultura escolar é conveniente compreender também, quando é possível, as culturas infantis (no sentido antropológico do termo), que se desenvolvem nos pátios de recreio e o afastamento que apresentam em relação às culturas familiares.” (JULIA, 2001, p. 10-11).

Portanto, um memorial que comporta relatos de experiências escolares de alunos, visa trazer à tona esta concepção de cultura escolar enquanto estas complexas relações que se estabelecem entre normas, práticas e agentes (BARROSO, 2005), e a ação educativa, que será apresentada na sequência, está diretamente relacionada com a busca das relações, sejam elas de tensão ou de apoio, que um movimento de greve proporcionam dentro da escola.

3. Apresentação da ação educativa

Enquanto era notável que a greve de professores havia deixado marcas, sejam elas positivas ou negativas na visão dos atores envolvidos, também percebemos que houve poucas oportunidades de um debate institucional sobre este tema com os alunos, que também ansiavam pelo debate. A ação educativa desenvolvida no memorial visou discutir a greve enquanto um elemento presente na vida de alunos e professores da educação pública, e dialogar sobre

sua importância na constituição da carreira dos professores, vendo-a como forma de luta que traz consequências para a educação pública como um todo. Para chegar até aí, buscamos também escutar o que os alunos tinham a dizer, buscando o lugar deles nessa história.

A atividade aplicada consistiu em quatro momentos principais. Um primeiro, onde era apresentado o memorial e também a história da instituição de maneira que explicitasse o processo de construção e seleção da memória. Houve problematização do espaço, que tipo de material havia sido escolhido para compô-lo e o que é criar a memória de uma instituição. O memorial possui três grandes painéis nomeados “tempos da instituição”, “tempos da sociabilidade” e “tempos da profissionalização”. Pensando nessas escolhas, era possível que os alunos debatesses sobre a composição do espaço de memória e também do espaço escolar em si.

A segunda parte introduzia o tema da greve. Os estudantes se dividiam em grupos para ter acesso às fontes que seriam discutidas. Estas consistiam em fontes jornalísticas sobre a greve geral de 1987, assim como a lista de professores desligados da escola em razão da mesma, e outras sobre a greve de 2017 por diferentes veículos, com diferentes teores ideológicos. Cada grupo ficou responsável por um destes materiais, respondendo perguntas de identificação e reflexão sobre o que tinham em mãos, culminando na pergunta sobre a fonte ser “neutra” ou não.

No terceiro momento, cada grupo apresentava sua fonte e as respostas eram debatidas de maneira comparativa, tentando evidenciar quais eram as semelhanças e diferenças na maneira de produzir as reportagens, quais agentes eram, ora protagonistas, ora negligenciados, como as greves eram representadas, diferenciando, não apenas o tempo, mas também diferentes versões para o mesmo contexto.

A diferença de enfoque das reportagens deixa claro a disputa de grupos sociais e a inexistência da suposta imparcialidade a que o jornalismo se propõe. Conflitando as reportagens foi possível perceber mais facilmente as disputas ideológicas representadas pelos veículos de imprensa, evidenciando conflitos sociais. Para Dominique Julia,

“[a] cultura escolar não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular.” (JULIA, 2001, p.10)

Visto isso, ressaltamos a importância de trazer os conflitos que acontecem na sociedade para dentro da sala de aula, principalmente tratando-se da educação pública, em um espaço de memória situado dentro da escola. E a partir dessas reflexões, é possível costurar o papel dos estudantes enquanto agentes sociais e também da cultura es-

colar, relacionando-os com os eventos que acontecem no cotidiano político e cultural da sociedade, principalmente sua agência dentro de um processo de greve. Também ficou claro com os diferentes posicionamentos, que criar um relato não encerra as discussões, e nunca pode contemplar todas as visões sobre um evento, no caso a greve, muito menos alcançar a verdade absoluta. Esta compreensão foi fundamental para que houvesse o gancho com a quarta e última parte.

Ao final, as turmas produziram suas memórias sobre a greve, sob a proposta de se tornarem parte do acervo do memorial da escola, fortalecendo o papel das subjetividades no discurso desse episódio constitutivo da cultura escolar, fosse por meio de escrita, desenho ou outras maneiras, o que se lembravam de positivo ou negativo, enfim, o que gostariam de manifestar. A partir destes relatos, buscamos entender que tipos de concepção de greve os alunos que registraram suas memórias consideram que deva ser lembrada e registrada. Embora tenhamos aplicado a atividade também com turmas de terceiro ano, neste artigo, utilizamos apenas os registros produzidos nas turmas 203, 204 e 205 de 2017 como recorte para análise dos relatos produzidos.

4. Os relatos produzidos

Foram utilizados como fonte, ao todo, quarenta e quatro respostas de alunos das já referidas turmas de segundo ano do Ensino Médio. Para melhor esquematizar a situação, criamos, inicialmente, dois grandes grupos: Aqueles alunos que privilegiaram seus relatos de experiências individuais em oposição àqueles que privilegiaram uma manifestação de apoio ou não à greve, buscando contextualizar o leitor do relato de maneira mais ampla.

Originalmente, a intenção era que os alunos respondessem da primeira maneira, trazendo suas experiências individuais enquanto atores sociais da greve, porém, predominou em grande medida a segunda. Apenas um aluno trouxe um relato que não estivesse ligado de maneira genérica à categoria “alunos”. Disse ele:

“Eu venho de outra cidade, Porto Alegre é um baita lugar, eu adorei, e o colégio Irmão Pedro foi uma grande experiência, foi a primeira vez que eu vi meu colégio entrar em greve, foi uma certa preocupação, pois eu fiquei pensando que ia repetir (talvez eu repita esse ano, mas deixa...) mas as coisas deram certo no fim, infelizmente os professores não conseguiram o que queriam, mas sempre vale a pena e é necessário lutar pelo que é certo.”

Mesmo este relato, não se eximiu de apresentar sua

posição sobre o processo de greve, porém, explicou como se sentiu em relação a ela a partir de um relato que não se aplicaria a outros alunos. Na maioria dos relatos, persistiu “alunos” enquanto categoria, como parte de um panorama geral, como nos exemplos a baixo:

“Normalmente as pessoas pensam que a greve somente prejudica os alunos, porém, aprendi que a greve também é uma forma de aprendizado, ou seja, aprender a lutar por nossos direitos.”

“A meu ver, a greve dificultou muito nosso ano, prejudicou os vestibulandos. Mas eu entendo os professores e apoio sua causa.”

“Embora a escola tenha parado durante um mês, não ocorreram muitos resultados para compensar os alunos, professores e os funcionários públicos em geral.”

Para compreender este segundo grupo, focado nos alunos que propuseram uma análise sobre a greve, optamos por dividi-lo em três grupos. Aqueles que se manifestam, majoritariamente, a favor da greve, incondicionalmente ou apesar de eventuais problemas por ela causados, aqueles que se manifestam a favor da greve, mas declaram críticas ao método, e por fim, aqueles que se expressam contra a greve, identificando-a apenas como um movimento prejudicial. Houve também a necessidade posterior de instituir um quarto grupo, dos alunos que deixaram o espaço em branco, que foram cinco ao todo.

O primeiro grupo foi amplamente predominante. Vinte e nove alunos expressaram apoio à greve, mesmo que tenha havido reveses, ou não manifestaram nenhum revés. Nestes casos, estes pontos prejudiciais são vistos como inevitáveis, algo que deve ser compreendido em nome de um objetivo maior, como na bastante representativa resposta a seguir:

“A greve ocorrida no ano de 2017, envolvendo diversas escolas estaduais e envolvendo todo o corpo estudantil, foi um acontecimento importante para essa geração. Professores e alunos foram juntos para a rua, buscando, justamente, o direito dos professores de receberem seus salários. É verdade que a greve prejudicou em questão de tempo e conteúdo as escolas paralisadas, mas culpar os professores seria um erro terrível. O Estado deveria buscar maneiras de superar a crise e pagar os trabalhadores em dia, os professores, assim como nós, são apenas vítimas das circunstâncias.”

Na mesma linha de manifesto, temos este outro exemplo:

“A greve de 2017, com certeza, é o cúmulo, em pleno século XXI, os professores deveriam ser os deuses deste país.”

Governo horrível. Sartori é péssimo governante do Estado.

Sou aluna e gostaria que meus professores fossem pagos.

48 dias sem aulas!!!

Espero que melhor daqui 2, 3 anos. A escola é ótima, ótimos professores!”

Já os alunos do segundo grupo, deixam bastante claro que, embora apoiem a reivindicação dos professores, há problemas no método da greve, como podemos observar nos seguintes exemplos:

“É um direito, nos dias de hoje, que é muito importante, porém, algumas pessoas não sabem aproveitar esse direito.”

“A greve de 2017 foi algo que não nos deu muitos resultados, pois o SEPERS não estava tão unido (apenas algumas escolas em greve), perdemos em média dois meses de aula e os professores seguem sem receber.”

“Eu sou a favor de que todas as pessoas manifestem sua insatisfação com o governo ou suas propostas.

Porém agora, acredito que a greve está perdendo a força. E que está se prolongando demais e está começando a prejudicar os estudantes mesmo sabendo que não vão ganhar mais do que já ganharam.

Fora Temer, presidente ilegítimo, golpista, machista, racista e homofóbico.

Fora Sartori.

Fora Marchezan.”

“Sobre a greve:

- Eu apoio a greve, os professores deveriam ter feito antes e tem TOTAL direito;
- O problema é que alguns professores NÃO ESTÃO PENSANDO EM NÓS;
- No momento de greve eu procurei saber o que estava acontecendo, me revoltei, mas foi algo que possivelmente valeu à pena.”

Este grupo de alunos constrói uma memória que tenta reconstituir a greve como uma tentativa, em geral, uma tentativa válida, mas pode perder seu caráter construtivo em parte, por conta de decisões e práticas que prejudicam o objetivo principal. Aqui, foram encaixados apenas seis alunos.

O último grupo possuiu apenas duas respostas, em

geral, bastante curtas, que não apresentam especificamente as razões do posicionamento, mas enfatizam o caráter prejudicial da greve:

“Acho eu a greve de 2017 foi injusta tanto com os professores quanto com os alunos, prejudicando a situação escolar do ano.”

“A greve foi ruim, pois prejudicou os alunos e aos professores.”

É interessante perceber que estas respostas foram substancialmente mais curtas que os demais grupos, e são, efetivamente, minoria no espaço em que estão inseridas. É possível que haja algum constrangimento neste posicionamento, ou ao menos, que sejam opiniões impopulares. No entanto, é positivo que a atividade tenha proporcionado um momento onde estes alunos perceberam que a sua opinião, sendo ela controversa ou não, é também parte da memória a ser constituída da greve na escola.

5. Conclusão

A partir do notável apoio à greve da maior parte dos alunos que construíram os relatos utilizados como fontes, é possível refletir sobre como estes veem suas próprias reflexões enquanto fontes para a escola. Quase em sua totalidade, como discutimos, os alunos produziram, não relatos de experiências individualizadas, mas posicionamentos, refletindo um pouco do que estes estão compreendendo como legítimo de se tornar parte do patrimônio da escola, que são uma espécie de manifesto de categoria enquanto alunos.

Nesse sentido, o que se pôde compreender durante a elaboração deste trabalho, é esta tendência às concepções de relatos que virão a ser patrimônios da escola enquanto uma avaliação das greves de maneira mais geral, sem, ainda assim, considerar as trajetórias. Estas avaliações, em geral, constroem a memória de uma greve quase que homogênea, pois em sua imensa maioria, produz avaliações muito parecidas, de que a greve é benéfica, embora com alguns contratempos inevitáveis para a categoria de estudantes.

Para expandir esse trabalho, é possível pensar este tipo de reflexão a partir de turmas que não tenham feito este trabalho prévio, discutindo as apresentações midiáticas ou o próprio espaço do memorial, para buscar se estas concepções seriam semelhantes em outros contextos.

Ao produzir estes materiais de relatos e posicionamos e integrá-los ao memorial, reafirmamos a premissa deste espaço: não ser um lugar de hegemonia, mas de

construção de conhecimento a partir das diversas experiências vividas na escola, de alunos, professores, visões externas, e contribuir para o efetivo pertencimento dos alunos à escola e da escola também aos alunos. Por isso, esperamos que o que foi produzido nesta atividade possa ser utilizado em futuras atividades dentro do memorial e que este se torne ambiente de cada vez mais aulas e atividades diversas dentro da escola.

Referências Bibliográficas

BARROSO, João. **Políticas Educativas e Organização Escolar**. Editora Universidade Aberta, Lisboa, 2005. Cap. 2: Cultura, Cultura Escolar, Cultura de Escola.

ESCOLANO, Agustín. **A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia**. Campinas/SP. Editora Alínea, 2017. Cap 4, Arqueologia da Escola. pp 3

GONÇALVES, Diana Vidal. No interior da sala de aula: ensaio sobre cultura e prática escolares. **Currículo sem Fronteiras**, v.9, n.1, pp.25-41, Jan/Jun 2009.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. Tradução Gizele de Souza. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, jan-jun 2001 p. 9-44, 2001.

SILVA, Bárbara Groffda. Educação para o patrimônio na escola: experiências no Estágio de Docência em História. In: GIL, Carmem Zeli de Vargas e TRINDADE, Rhuan. **Patrimônio cultural e ensino de História**. Porto Alegre: Edelbra, 2013.

TRINDADE, Rhuan. **Patrimônio cultural e ensino de História**. Porto Alegre: Edelbra, 2013.

Fontes (reportagens) utilizadas na atividade

ExtraClasse.org. **Em greve há 66 dias, professores decidem manter paralisação**. In: <http://www.extraclasse.org.br/exclusivoweb/2017/11/em-greve-ha-66-dias-professores-decidem-manter-paralisacao/> acesso em: 13/11/2017.

Zero Hora. **Sem previsão de concluir o ensino médio, alunos do 3º ano veem ano perdido com greve**.

In: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2017/11/sem-previsao-de-concluir-o-ensino-medio-alunos-do-3o-ano-veem-ano-perdido-com-greve-cja1ie29z04v001msoec0k6ja.html> Acesso em 05/12/2017

G1.com. **Em meio a polêmicas, greve dos professores estaduais do RS completa um mês.**In: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/em-meio-a-polemicas-greve-dos-professores-estaduais-do-rs-completa-um-mes.ghtml>. Acesso em 13/11/2017